

O “CARA”, O ALMOÇO E A OPINIÃO: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS NO DISCURSO MIDIÁTICO OPINATIVO

Lucélio Dantas de Aquino (PPgEL – UFRN)
lucelioaquino@yahoo.com.br

Introdução

Desde a década de 60, com o surgimento da disciplina Linguística Textual, o objeto *texto* vem sendo tomado como fonte de pesquisa, quer seja relacionado aos fatores de contextualização, fatores de conexão sequencial – coesão, fatores de conexão conceitual cognitiva – coerência (MARCUSCHI, 2009).

Nesse segmento, muitas pesquisas se desenvolveram e outros postulados surgiram com o intuito de compreender melhor o texto. Dentro dessas tentativas está a Análise Textual dos Discursos, formulada por Jean-Michel Adam (2008, 2011) – uma proposta teórico-metodológica que articula texto e discurso de maneira a dar conta dos meios que permitem a produção co(n)textual dos sentidos presentes e subjacentes a uma determinada prática discursiva.

Tomando por base os preceitos teóricos e metodológicos da Análise Textual dos Discursos, particularmente aqueles que dizem respeito ao nível semântico do texto, visamos a desenvolver um estudo das representações discursivas construídas em torno de um evento realizado por ocasião da visita do presidente Barack Obama ao Brasil: o almoço no Itamaraty. Mais especificamente, observaremos as representações discursivas criadas em torno do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, aquelas em que ele está referenciado como “o cara”.

Como *corpus* de análise, observamos seis cartas de leitores, coletadas do jornal *O Estadão*, no período de 15 a 22 de março de 2011. Essas cartas de leitores fazem parte de *corpus* maior que é o objeto de estudo de nossa pesquisa de doutoramento. E, como mencionamos, o respaldo teórico tem origem no trabalho de Adam (2008, 2011) e em trabalhos de Passeggi (2010) e Rodrigues, Passeggi, Silva Neto (2010), entre outros.

A fim de vislumbrar a estética desse trabalho, apresentamos nessa primeira parte – *Introdução* – um esclarecimento sobre o tema e o objeto de estudo, bem como apresentamos o objetivo e a linha teórica em que se insere. Além disso, apresentamos de forma sintética a metodologia adotada e, nesse momento, apresentamos os momentos da discussão a ser desenvolvida: primeiro, fazemos uma discussão teórica na qual apresentamos a teoria e as categorias de análise que fundamentam nossa análise; posteriormente, desenvolvemos a análise das cartas de leitores; e, por último, tecemos alguns comentários, evidenciando a contribuição de nosso estudo.

1. Fundamentação teórica

Jean-Michel Adam, na sua obra *A linguística textual: uma introdução à análise textual dos discursos* caracteriza sua abordagem como “uma teoria da produção co(n)textual de sentido” (ADAM, 2011, p. 23), situada “no quadro mais amplo da análise do discurso” (idem, p.24). Por este motivo, o texto é visto em sua complexidade descritiva, demandando e justificando a necessidade de recorrer a uma teoria que contemple o domínio discursivo do objeto texto.

A Análise Textual dos Discursos, doravante ATD, é concebida na relação entre a LT e a Análise do Discurso, todavia, Adam (2011, p. 43) se propõe a “articular uma linguística textual desvincilhada da gramática do texto e uma análise de discurso emancipada da análise

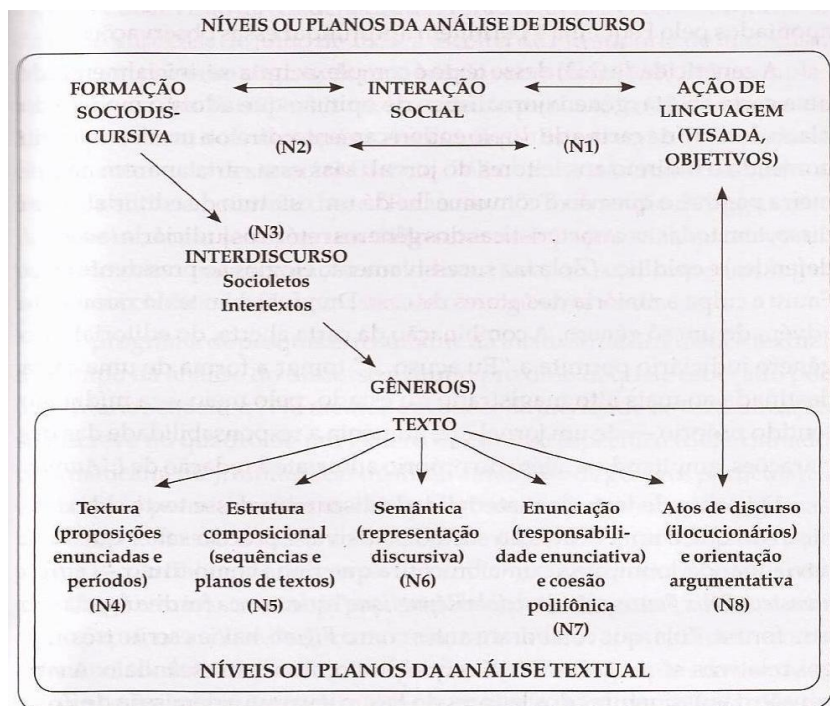
de discurso francesa (ADF)”. Desta forma, contempla-se o texto na relação discursiva de produção e os efeitos de sentido provenientes do co(n)texto.

Nesse momento, vale destacar a opção desse autor pela escrita de co(n)texto. Segundo Adam (2011, p. 53):

Escrevemos “co(n)texto” para dizer que a interpretação de enunciados isolados apóia-se tanto na (re)construção de enunciados à esquerda e/ou à direita (cotexto) como na operação de contextualização, que consiste em imaginar uma situação de enunciação que torne possível o enunciado considerado.

Desse modo, para que um texto seja analisado, nessa perspectiva teórica, devemos interpretá-lo como um construto que explícita ou implicitamente manifesta um contexto. Portanto, o apoio no cotexto precedente e posterior é fundamental para construir os sentidos do que é dito e, por isso, demanda, muitas vezes, a imaginação da situação extralinguística que proporcionou a ação de linguagem, bem como a recorrência a outros textos para fundamentar a interpretação, isto porque, “[...] as relações intertextuais são muito mais que indicadores de uma filiação ou de uma dependência. Elas são essenciais na realização textual e na construção de *novos efeitos* de sentido [...]” (HEIDMANN, 2010, p. 81).

Nesse momento, falar em ação de linguagem é imprescindível, pois é ela que realiza o que Adam (2011) chama de textos concretos, os quais são efetivados em gêneros textuais. Para esse autor, o gênero é uma prática discursiva que pode ser interpretado a fim de (re)construir a significação do(s) enunciado(s). Diante disso, e pensando a interpretação do texto como forma de construir o seu sentido em discurso, Adam (2011) propõe um esquema no qual o nível do texto está imerso no nível do discurso. Isso determina, portanto, o lugar da Linguística Textual na Análise de Discursos. Vejamos, a seguir, o esquema proposto por Adam (2011), no qual se distinguem linguisticamente os níveis ou planos de uma ação de linguagem:



Esquema 1: Níveis da análise de discurso e níveis da análise textual.

Fonte: *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*, de Adam (2011, p. 61).

Nesse esquema podemos observar questões de textura, estrutura, semântica, enunciação e atos de discurso (níveis 4, 5, 6, 7 e 8, respectivamente), os quais estão no nível do texto, mas que devem ser vistos na relação com o nível do discurso, ou seja, observando a ação de linguagem, a interação social e a formação sociodiscursiva (níveis 1, 2 e 3, respectivamente).

Passamos a discutir agora apenas o nível semântico proposto por Adam (2008) e apresentamos as categorias que subsidiam a análise das representações discursivas.

1.1. Nível semântico: as representações discursivas

Sendo o texto o objeto de estudo da ATD, Adam (2008) propôs uma unidade mínima sobre a qual o analista textual-discursivo pode lançar o seu olhar e interpretar os sentidos dela proveniente, ela é chamada *proposição-enunciado* ou *proposição enunciada*. Segundo Rodrigues, Passeggi, Silva Neto (2010) essa unidade mínima está no nível sequencial-composicional do texto, o que implica uma linearidade, todavia, os demais níveis semântico, enunciativo e argumentativo tanto podem obedecer a linearidade do texto como ocorrer de forma não linear.

Nesse sentido, a proposição-enunciado é o que Adam chama de “**produto de um ato de enunciação**” (2011, p. 108, grifos do autor), o que implica em um todo significativo, isto por que “não existe enunciado isolado [...]” (idem, p. 109). Dessa forma, todo enunciado sempre vai estar em ligação com outros enunciados, quer pelas relações do próprio texto (referência, por exemplo), quer pela evocação de respostas ou continuação do dizer.

Sendo assim, observar o nível semântico é atentar tanto para a proposição-enunciado na linearidade do texto quanto para a sua reticularidade, uma vez que é por meio dos movimentos de sentido que se constrói a referência na atividade discursiva.

Assim, o autor situa no valor descritivo de uma proposição enunciada o potencial de construir semanticamente uma representação, ou seja, “a atividade discursiva da referência constrói, semanticamente, uma representação, um objeto de discurso comunicável” (ADAM, 2011, p. 113) e, para isso, aponta a relação entre tema e predicação como sendo a forma prototípica de manifestação dessa referência. Em conformidade com a asserção de Adam (2008), Rodrigues, Passeggi, Silva Neto (2010, p. 173), afirmam que: “[...] toda proposição, na condição de ‘microuniverso semântico’, constitui uma representação discursiva mínima”, isto é, por mais que uma proposição-enunciado apresente apenas um ou dois constituintes (nome e adjetivo, por exemplo), essa construção referencia algo no mundo.

Para tanto, ao buscarmos interpretar uma representação discursiva, isto é, “a expressão de um ponto de vista [PdV]” (ADAM, 2011, p. 113), devemos atentar para a representação discursiva (doravante, Rd) construída pelo conteúdo proposicional. Desta forma, a representação discursiva é colocada como uma das principais noções do nível semântico, ao lado de anáforas, isotopias, colocações, entre outras, que são responsáveis pelos entornos significativos regentes do texto. Estendendo a perspectiva de Adam, Rodrigues, Passeggi, Silva Neto (2010, p. 173) afirmam que: “Todo texto constrói, com maior ou menor explicitação, uma representação discursiva do seu enunciador, do seu ouvinte ou leitor e dos temas ou assuntos que são tratados”. Tal pensamento revela que a representação discursiva está amparada no prisma da ATD, posto que a representação enquanto referência do enunciador, do leitor ou dos assuntos tratados só pode ser percebida na/pela produção co(n)textual de sentidos.

De acordo com Passeggi (2010), as representações discursivas são de natureza unicamente linguística e textual, manifestadas pelo texto, ou seja, essa categoria é observável no cotexto, através das proposições, o que implica uma (re)construção do sentido por parte do interpretante. Sobre isso, Adam (2011, p. 114), afirma que:

É o interpretante que constrói a Rd a partir dos enunciados (esquematisação), em função de suas próprias finalidades (objetivos, intenções) e de suas representações psicossociais da situação, do enunciador e do mundo do texto, assim como de seus pressupostos culturais.

Assim, ao construir uma Rd em um dado texto, recai sobre o leitor/interpretante o papel de (re)construí-la com base em suas representações (psíquicas, sociais, culturais, etc.), a fim de se obter os resultados semânticos ali atribuídos. Não significa dizer que o interpretante deverá agir simetricamente ao locutor, mas ele é solicitado a desenvolver uma atividade semelhante de (re)construção do sentido (ADAM, 2011).

É válido acrescentar que a Rd não é somente responsável por expressar um PdV, mas também é responsável por construir imagens do locutor, do auditório e dos participantes tratados no texto (Passeggi, 2010). Por exemplo, no discurso jornalístico-opinativo, o produtor de um texto pode marcar, por meio de recursos linguísticos, o seu posicionamento, utilizando mecanismos que revelem a imagem dos participantes e temas envolvidos na ação de linguagem.

Em síntese, para (re)construir uma Rd ou imagens do mundo, a partir do texto, o interpretante deve lançar mão de estratégias semânticas para a análise textual-discursiva. São sobre elas que falamos a seguir.

1.1.1. Categorias semânticas para análise das Rd

A princípio, ressaltamos que as categorias que apresentamos nesse trabalho são de cunho linguístico-textual, embora, algumas vezes, possam apresentar uma nomenclatura concernente ao estudo gramatical da linguagem. Desse modo, tomamos como categorias de análise semântica¹ a *referenciação*, a *predicação*, a *aspectualização*, a *relação* e a *localização*. Algumas dessas foram propostas por Adam (2008), as quais passaram por algumas redefinições, bem como acréscimos nos estudos de Passeggi (2010) e Rodrigues, Passeggi, Silva Neto (2010), assim como na obra desse mesmo autor que encontra-se revisada e aumentada Adam (2011). Diante disso, nos apropriamos de estudos linguísticos e gramaticais para complementar as categorias semânticas que subsidiam a análise de Rds, tais como Ilari (2009), Neves (2011) e Castilho (2010).

a) *Referenciação*

Para Adam (2011), a referenciação² é a macrooperação principal de um período: “dá unidade a um segmento [...]” (idem, p. 218). Essa categoria pode ser identificada como o elemento linguístico-discursivo que sobre o qual se estabelece uma predicação, isto é, um elemento que representa algo do mundo (pessoas, coisas, acontecimentos, etc.) e que desencadeia uma situação discursiva referencial (Rodrigues, Passeggi, Silva Neto, 2010).

Nesse sentido, Castilho (2010, p. 126) afirma que a referenciação é “a função pela qual um signo linguístico representa quaisquer entidades do mundo extralinguístico, reais ou imaginários”³, isso é o que possibilita ao ouvinte/leitor/interpretante (re)construir uma representação do objeto de mundo referido.

¹ Nesse momento, sem esgotar as bases teóricas, as categorias serão apenas apresentadas, pois elas serão retomadas e exemplificadas na interpretação das representações discursivas no texto jornalístico.

² Embora Adam (2008) utilize o termo *tematização*, optamos por usar *referenciação* por estarmos em consonância com os estudos de Passeggi (2010) e Rodrigues et al. (2010).

³ Essa definição apresentada por Castilho apoia-se nos estudos de Ducrot/Todorov (1972/1998).

Em uma análise semântica, os referentes desempenham papéis temáticos⁴ que, segundo Ilari (2009, p. 132), “são distintos das funções gramaticais de sujeito, objeto e adjunto [...]”. A referenciação se realiza por meio de nomes (substantivos) ou expressões equivalentes. Além disso, Ilari (2009) e Neves (2011) apontam para o uso dos artigos definidos (o, a, os e as) e os pronomes demonstrativos (esse, essa, aquele, aquela, etc.) como marcas que facilitam a localização e compreensão dos referentes no discurso.

Outra questão com a qual concordam os estudiosos da referenciação é o fato de que uma referenciação pode ocupar duas posições: a de *tematização* (ou categorização) – diz respeito à ancoragem que, segundo Adam (2008), seria o termo que sustenta a predicação e a de *retematização* (ou recategorização) – diz respeito a uma nova denominação do objeto.

b) Predicação

A esta categoria, Adam (2008) não dispensa um tópico do seu estudo, mas, seguindo Passeggi (2010) e Rodrigues, Passeggi, Silva Neto (2010), consideramos a predicação como elemento de grande importância para se compreender as representações que se criam dos objetos de discurso: as predicações são seleções feitas pelo enunciador para designar um processo (ação, estado, ou outro) que gerencia a enunciação, bem como situa os participantes na proposição. Ela é, tipicamente, construída por meio de verbos e expressões equivalentes (Passeggi, 2010). Assim, a predicação é sempre algo que se diz sobre um referente e que caracteriza o valor semântico, primariamente pelo verbo.

De acordo com Castilho (2010, p. 243), “no sistema de semântica, a predicação pode ser definida como um processo de atribuição de traços semânticos”, ou seja, a predicação atribui sentidos a um determinado elemento da proposição. Sendo assim, um predicador poderá exercer um traço semântico sobre o referente ou sobre os demais argumentos envolvidos em um enunciado, o que possibilita compreender as representações que se deseja criar ou são inconscientemente criadas pelo enunciador.

Para Castilho (2010) que utiliza uma noção de predicação mais ampla que a da predicação verbal – incluindo substantivos, adjetivos e preposições – a predicação é uma operação de transferência de traços semânticos que, quando ocorre sobre uma classe-escopo⁵ manifesta três grandes mecanismos:

- (i) a transferência afetou a intensão da classe-escopo: ocorreu uma predicação por qualificação, como em *livro divertido*;
- (ii) a transferência afetou a extensão da classe-escopo: ocorreu uma predicação por quantificação, como em *tanta risada*;
- (iii) a transferência afetou a modalidade da classe-escopo: ocorreu uma predicação por modalização, como seria em [...] *De fato, aquele velhinho está lendo atentamente um livro divertido*. (CASTILHO, 2010, p. 128, grifos do autor).

Como vemos, a predicação se dá por operações distintas que desencadeiam atributos, quantificações ou modalizações sobre um referente. Aqui, damos destaque à predicação por modalização, posto que a modalização seja usada “principalmente para expressar as atitudes do falante em relação aos estados de coisas” (NEVES, 2011, p. 156), o que nos permite compreender, por meio da relação co(n)textual, as representações dos referentes tratados em um texto.

Assim sendo, a modalização ocorre em um espaço intermediário entre o polo afirmativo (proposição-enunciado assertiva) e o polo negativo (proposição-enunciado negativa), “havendo, naturalmente, graus intermediários, tanto do ponto de vista qualitativo

⁴ Os papéis temáticos esboçados por Ilari (2009) são: agente, alvo, instrumento, beneficiário e experienciador. Esses papéis só são possíveis de definir de acordo com o sentido proveniente da ação, ou seja, por meio do verbo que rege o enunciado.

⁵ Uma classe-escopo pode ser entendida como sendo um constituinte do enunciado sobre o qual se predica algo, em nosso caso, o referente.

(talvez), como do ponto de vista quantitativo (às vezes)”. Pensando de tal modo, dispensamos relevo à polaridade⁶, uma vez que afirmar (*sim*) ou negar (*não*) também são modos de imprimir, na proposição-enunciado, sentidos de concordância, discordância, conjunção de valores, entre outros.

Além disso, numa predicação por modalização, pode-se observar um jogo entre o elemento polarizador e o elemento modalizador (*não pode/pode não*, por exemplo), independentemente da posição do elemento negativo, pois, segundo Neves (2011): “Em qualquer posição o operador de negação incide sobre a predicação modalizada [...]”.

Em síntese, a predicação e, especificamente, a predicação por modalização no âmbito da polaridade são percebidas em um texto pelas proposições enunciadas. Ressaltamos, apenas que, na maioria das vezes, apresenta-se a polaridade positiva por meio das estruturas assertivas sem a explicitude do *sim*, porém, quando a polaridade é negativa, a marcação faz-se necessária, isto porque a marcação implica em uma oposição ao outro polo. Enfim, a predicação sobre um referente pode atribuir sentidos a pessoas, objetos, ou a acontecimentos.

c) Aspectualização

Adam (2011, p. 220) coloca a *aspectualização* como uma macrooperação “que se apoia na tematização”. Assim, a aspectualização “refere-se às características ou propriedades tanto dos referentes como das predicções” (Rodrigues, Passeggi, Silva Neto, 2010, p. 175).

Pensando por esse viés, ao se tratar dos participantes são usados mecanismos de linguagem que fornecem atributos ou qualificam os referentes, ou seja, são utilizados adjetivos ou expressões qualificativas. No que concerne às ações – verbos –, a aspectualização designa características ou propriedades dos verbos e são verificadas na proposição como expressões que são típicas de indicação de circunstância⁷ (Passeggi, 2010). Nesses casos, os adjetivos e os advérbios e locuções adverbiais (elementos circunstanciais), exceto as circunstâncias de tempo e lugar, são marcas que atribuem sentidos aos referentes e aos verbos e os qualificam, possibilitando uma interpretação das Rds que se constroem em torno dos objetos do discurso.

d) Relação

Adam (2008) caracteriza a macrooperação de *relação* como constituída por duas outras operações: contiguidade e analogia. A primeira atua no texto por meio de elementos que deem continuidade ao que está sendo enunciado e a segunda atua no texto com base nas comparações e metáforas. Rodrigues, Passeggi, Silva Neto (2010) referem-se à primeira operação como sendo um processo de ligação entre enunciados e Passeggi (2010) denominou a relação de contiguidade como *conexão*: esses elementos estabelecem ligações entre enunciados, elementos de enunciados ou partes do texto. Nessa perspectiva, Castilho (2010, p. 133) ao descrever as categorias de análise semântica afirma que a conectividade é “gramaticalizada como preposições e conjunções”. Nesse sentido, os conectores vão estabelecer, semanticamente no texto, relações de causa, consequência, finalidade, etc. Além de servir como marcador sequencial ou conceitual-cognitivo, para usar as palavras de Marcuschi (2009), os quais conectam logicamente o texto (coesão) e podem atribuir sentidos por meio de seus usos (coerência), desencadeando um contínuo textual. Portanto, os conectores desempenham papel semântico importante na produção co(n)textual de uma prática discursiva, haja vista eles serem orquestradores de uma coesão textual necessária a uma interpretação.

A analogia, ou segunda operação, pode ser percebida no texto por meio de comparações e metáforas, ou seja, figuras de linguagem que estabelecem significação por

⁶ Salientamos que a polaridade não é entendida como modalização, mas como um parâmetro que possibilita o surgimento da modalidade.

⁷ Passeggi (2010) coloca que as circunstâncias de lugar e de tempo não entram nesta categoria de análise por fazerem parte de outra categoria semântica que é a localização.

meio de elementos que indicam relação entre domínios cognitivos diferentes. O uso de proposições-enunciados comparativas ou metafóricas pode ser visto como construções capazes de reforçar, depreciar, elogiar, etc. Desse modo, tais elementos textuais manifestam no discurso representações dos participantes envolvidos na prática discursiva. Vale lembrar que, mesmo dada uma proposição que opere por analogia, a interpretação do sentido empregado só ocorre co(n)textualmente.

e) *Localização*

A localização, segundo Rodrigues, Passeggi, Silva Neto (2010, p. 176), “indica as circunstâncias espaçotemporais nas quais se desenvolvem os processos e participantes”. Linguisticamente, a localização é marcada no texto por expressões que indicam tempo e lugar. Assim, essa categoria, no texto, possibilita ao interpretante (re)construir a localização da informação dada pelo produtor do texto, bem como se situar espaço-temporalmente na representação do mundo do texto.

Sumariamente, são essas as categorias que autorizam uma análise textual-discursiva das representações construídas em um texto. E, buscamos interpretá-las no tópico seguinte.

2. Análise das cartas de leitores

Como mencionamos, a nossa análise visa a descrever e interpretar o nível semântico de seis cartas de leitores publicadas pelo jornal *O Estadão*. Nossa intenção é compreender a(s) representação(ões) construída(s) do ex-presidente Lula, (co)referenciado como “o cara”. Todas as cartas versam sobre o almoço oferecido ao presidente dos Estados Unidos – Barack Obama e, por conseguinte, a ausência do ex-presidente brasileiro que foi convidado, mas não compareceu.

Como forma de sistematização, apresentamos, a seguir, as cartas e, para cada uma delas, será emitido um código ao qual recorreremos, quando necessário, para compreender os sentidos veiculados pelos textos. Além disso, cada carta de leitor recebe uma numeração, de acordo com as linhas do texto, que serve de orientação para a descrição e a interpretação, haja vista preservarmos a face dos produtores desses textos por meio da abreviação de seus nomes e ocultamento do endereço eletrônico, os quais se faziam presentes nas cartas. Observemos:

Código: CL1	
01	Quem vê o "cara"...
02	O deselegante desdém de Lula pelo convite para o almoço no Itamaraty com Barack
03	Obama faz crer que o petista estaria melindrado com a então iminente ofensiva militar
04	contra o seu "amigo e irmão", o ditador líbio Muamar Kadafi, capitaneada pelo
05	presidente norte-americano. O apoio explícito do ex-governo de Lula a sanguinários
06	ditadores do naipe de Kadafi e do iraniano Ahmadinejad certamente já fez Obama
07	concluir que "quem vê o "cara", não vê coração".
08	T. M. S. C. Belo Horizonte

Código: CL2	
01	MAL-EDUCADO
02	O ex-presidente Lula recusou convite para almoço com Obama e Dilma. O "cara" está
03	com inveja, demonstra não ter humildade e é mal-educado ao extremo. E pensar que
04	ficamos com ele oito longos anos como presidente do Brasil. Arrrggh, dá-me ojeriza só
05	de pensar!
06	J. E. V.
07	Jaú

Código: CL3	
01	COISA BOA
02	Lula não compareceu ao almoço que foi oferecido a Obama no Itamaraty. FHC foi. Por
03	aí se vê o que um e outro representaram no contexto "presidente". O "cara" de pau,
04	criador da presidente Dilma, amigo de Fidel e sua cria, fora outros ditadores
05	sanguinários, não compareceu. Felizmente ele fez uma coisa boa, desapareceu.
06	C. E. B. R.
07	São Paulo

Código: CL4	
01	Amarelou!
02	Não é de espantar. O "cara" preferiu o pagodão que deve ter rolado no aniversário do
03	filho a comparecer ao almoço oferecido ao presidente Obama. Fiquei muito bem
04	impressionado com o convite pessoal da nossa presidente aos quatro ex, dois dos quais
05	não se alinham com seu governo. Ponto para ela. Já para ele...
06	A. C. P. B.
07	São Paulo

Código: CL5	
01	MESQUINHEZ E DESPREPARO
02	Em mais uma demonstração de mesquinhez e despreparo, o ex-presidente acidental Lula
03	da Silva não apareceu nem justificou a ausência no almoço oferecido ao presidente
04	Barack Obama, para que tinha sido convidado com outros ex-presidentes do Brasil.
05	Resta-nos uma certeza. A ausência do "cara" preencheu uma lacuna.
06	Aliás, tenho a certeza, o casal Lula da Silva estaria fora do seu hábitat e zona de
07	conforto.
08	A. M. M.
09	São Paulo

Código: CL6	
01	PASSOU BATIDO
02	A ausência do "cara" no almoço para Obama, em Brasília, não foi nem notada. Portanto,
03	tratemos de esquecer a figura mais "pequena" que ocupou o cargo de presidente da
04	República do Brasil.
05	A. M. M.
06	São Paulo

Para efeito de análise, após termos conhecido os textos opinativos, escritos pelos leitores do jornal *O Estadão*, partimos das categorias semânticas para o texto, descrevendo os elementos que as materializam no cotexto. Portanto, iniciamos nossa análise pela categoria *referenciação*.

No que concerne a *referenciação*, logo em **CL1**, temos evidenciado no título da carta o elemento linguístico-discursivo “cara”, colocado entre aspas na seguinte proposição: *Quem vê o “cara”...* (l. 1). Essa proposição enunciada faz, de forma genérica, uma remissão a pessoa do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o que se confirma na linha seguinte quando, ao desenvolver o texto, constrói a seguinte proposição: *O deselegante desdém de Lula [...]*. Nesse caso, “Lula” é uma recategorização do termo “cara”. Esse sentido se constrói na carta por termos, enquanto leitores/interpretantes, o conhecimento de que o presidente dos Estados Unidos – EUA, pouco antes da reunião do G20 (Londres, 02 de abril de 2009), em

uma roda de líderes mundiais, afirmou que “Lula é o cara”, que amava Lula, considerado por ele “o político mais popular da Terra”.

Essa digressão faz-se necessária para que compreendamos muitos dos efeitos de sentido que as referências assumem nesse entorno discursivo, haja vista, as reconstruções de sentidos que os leitores imbuem nos usos feitos durante as cartas. Dizemos isso porque, nem sempre, a expressão “cara” recebe dos leitores do jornal o mesmo sentido empregado pelo presidente Obama. Vejamos, por exemplo, as seguintes proposições enunciadas.

CL1– O apoio explícito do ex-governo de Lula a sanguinários ditadores do naipe de Kadafi e do iraniano Ahmadinejad certamente já fez Obama concluir que "quem vê o "cara", não vê coração". (l. 5-7)

CL3 – O "cara" de pau, criador da presidente Dilma, amigo de Fidel e sua cria, fora outros ditadores sanguinários, não compareceu. (l. 3-5)

Nessas duas proposições enunciadas pelos produtores das cartas, Lula é categorizado pela palavra “cara” e, como mencionamos, o efeito de sentido que esses empregos demonstram é de cunho negativo, pois, considerando os conhecimentos de mundo que nos são pertinentes a uma interpretação, percebemos a imediata relação entre os ditos populares *Quem vê cara não vê coração* e *Cara de pau*, que remetem, simultaneamente, a um indivíduo em quem não se pode confiar.

Outras formas de referência de Lula nos textos são: *o ex-presidente Lula* (**CL2** – l. 2), *o “cara” de pau*, como já vimos (**CL3** – l. 3), *o ex-presidenteidental Lula da Silva* (**CL5** – l. 2-3) e *figura mais “pequena”* (**CL6** – l. 3). De modo geral, como se percebe, as referências são de fácil identificação, já que as suas estruturas sempre obedecem a relação artigo mais elemento designador de objeto do discurso. Dessas recategorizações, vale destacar a da carta **CL5** que, diferentemente de **CL2** adiciona o adjetivo *acidental* a construção referencial. Esse uso demonstra a opinião do leitor sobre o governo de Lula, ou seja, para ele foi um acidente para o Brasil ter tido Lula como presidente. Outra recategorização que evidenciamos, aqui, é a de **CL6**, haja vista ser ela a expressão portadora da expressão opinativa do produtor, isto porque, por essa construção, fica entendido que “o cara” não é tão importante quanto Obama acreditou ser.

Considerando as referências que representam Luiz Inácio Lula da Silva, enquanto objeto de discurso, vê-se construir predicções que o colocam no papel temático de alvo (ILARI, 2009), uma vez que ele passa a ser objeto de apreciação pelos leitores que tomam como foco a ausência dele no almoço oferecido para o presidente americano. Nesse segmento, dentre as muitas predicções construídas nas cartas, damos destaque as seguintes:

CL1 – O deselegante desdém de Lula pelo convite para o almoço no Itamaraty com Barack Obama **faz crer que o petista estaria melindrado com a então iminente ofensiva militar contra o seu "amigo e irmão", o ditador líbio Muamar Kadafi, capitaneada pelo presidente norte-americano.** (l. 2-5)

CL2 – O "cara" **está com inveja, demonstra não ter humildade e é mal-educado ao extremo.** (l. 2-3)

CL3 – O "cara" de pau, criador da presidente Dilma, amigo de Fidel e sua cria, fora outros ditadores sanguinários, **não compareceu.** (l. 3-5)

CL4 – Não é de espantar. O "cara" **preferiu o pagodão que deve ter rolado no aniversário do filho a comparecer ao almoço oferecido ao presidente Obama.** (l. 2-3)

CL5 – Em mais uma demonstração de mesquinhez e despreparo, o ex-presidenteidental Lula da Silva **não apareceu nem justificou a ausência**

no almoço oferecido ao presidente Barack Obama, para que tinha sido convidado com outros ex-presidentes do Brasil.

CL6 - A ausência do "cara" no almoço para Obama, em Brasília, **não foi nem notada.** (l. 2)

As predicções em destaque apontam para uma representação negativa do “cara”, ou melhor, do ex-presidente Lula, uma vez que, de acordo com **CL1**, Lula não compareceu ao almoço pelos laços políticos com Kadafi (ditador da Líbia), com o qual Obama tem divergências políticas. Seguindo essa mesma construção de sentido, **CL3**, por meio de uma predicação intercalada, demonstra que o não comparecimento de Lula também se deu por suas relações políticas com outros representantes, vejamos: “*amigo de Fidel e sua cria, fora outros ditadores sanguíneos*”.

Além disso, **CL3**, **CL5** e **CL6** são construídas por predicções modalizadas pela polaridade negativa, deixando, mais evidente, a desaprovação do público leitor com a ausência de Lula no evento do Itamaraty. Em **CL5** e **CL6**, tem-se ainda uma intensificação marcada pelas construções *não... e nem...*, deixando mais clara a discordância para com a postura do “cara”.

No excerto de **CL2**, a predicação instaurada por meio de um verbo de estado, aponta para os possíveis motivos que levaram o ex-presidente a não participar do almoço. Essas predicções encadeadas por *vírgula* e pelo conectivo *e* (conjunção adversativa) podem ser consideradas, de acordo com Castilho (2010), como predicções por qualificação, isto porque há uma transferência de sentidos da predicação para o referente “cara”.

Diante disso, relembramos que as predicções são de grande importância para se compreender as representações discursivas, uma vez que as escolhas predicativas determinam sentidos e situam os participantes na proposição. Desse modo, Lula/“o cara” é visto como mal-educado por não ter comparecido ao almoço e, ainda, como aquele que prefere qualquer outra coisa a comparecer a um evento que possa colocá-lo em “saia justa”. Essas conjecturas podem ser percebidas na predicação de **CL4**, pois o leitor, em sua carta, afirma que “*O ‘cara’ preferiu o pagodão que deve ter rolado no aniversário do filho a comparecer ao almoço oferecido ao presidente Obama*”.

Por esse viés, a opinião dos leitores do jornal aponta para uma representação de Lula como um político com laços que o impedem de se confraternizar com Obama e que, a ausência sem justificativa pareceu pouco valor à ocasião internacional. Os sentidos, portanto, condicionam ao referente “cara” um desmerecimento do valor positivo dado pelo presidente dos EUA.

Quanto às *aspectualizações*, percebemos um grande número de adjetivos e construções que qualificam o ex-presidente do Brasil, mensurando valores sobre ele. Para os leitores, Lula é: *deselegante* (**CL1**); *invejoso, arrogante e mal-educado* (**CL2**); “*cara*” *de pau* – além da função de referenciar essa construção possui o valor adjetivo de descarado, sem vergonha (**CL3**); *mesquinho e despreparado* (**CL5**); e, por último, mais uma das recategorizações formuladas para representar “o cara” funciona como aspectualização: *figura mais “pequena*”. Todas essas aspectualizações determinam, segundo os leitores do *Estadão*, uma representação de um político que não honra com a sua posição, principalmente com imagem que construiu para o mundo, isto é, de um político popular.

No que diz respeito à *relação*, vale mencionar que, por serem cartas de leitores diferentes, não estamos lidando com um único texto, mas seis textos que assumem pontos de vista sobre um mesmo acontecimento do mundo: *o não comparecimento do “cara” (Lula) ao almoço oferecido ao presidente Barack Obama*. Desse modo, a relação entre eles não se dá diretamente por uma questão de contiguidade linguístico-textual, ou seja, por meio de conectivos. Essa contiguidade se dá por meio de uma conexão discursiva, uma vez que a mesma ideia toma corpo com os diferentes textos. Nesse caso, poderíamos falar em coesão

discursiva, haja vista os sentidos de uma representação discursiva se constituírem co(n)textualmente.

Por fim, damos destaque aos elementos linguístico-discursivos que manifestam, semanticamente, a *localização*. Como forma de situar o evento, ou seja, o almoço oferecido a Obama, temos as seguintes evidências: *no Itamaraty (CL1)*; *Brasil (CL2, CL5 e CL6)*; e, *em Brasília (CL6)*. Desse modo, as opiniões expressas pelos leitores remetem ao fato de que a ausência de Lula não teria uma justificativa, pois o almoço seria no seu país, em Brasília, mais especificamente no Itamaraty, local que por oito anos foi palco das relações comerciais do “cara”.

Em suma, pelo fato de o “cara” não ter comparecido ao almoço oferecido a Obama, os leitores se apropriaram dessa expressão para representar Lula como sendo o contrário daquilo que Obama pressupõe quando o elogiou em 2009, ou seja, a representação construída de Lula é a de um indivíduo arrogante, mal-educado, entre outras qualificações depreciativas que não condizem com o *status* de popularidade dotado a ele.

Considerações finais

No nosso estudo, buscamos analisar, com base no nível semântico do texto, as representações discursivas do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, realizadas no discurso midiático opinativo – cartas de leitores.

De forma sucinta, as análises remetem a uma representação negativa criada em torno da figura de Lula, uma vez que “o cara” não compareceu ao almoço oferecido ao presidente Barack Obama, sendo, portanto, descrito pelos leitores do jornal como invejoso, mesquinho, despreparado etc. Desse modo, a representação construída pela opinião dos leitores se contrapõe a representação que deu origem a expressão “Lula é o cara”, ou seja, põe por terra toda a ideia de popularidade que o ex-presidente solidificou enquanto político.

Portanto, uma representação discursiva, como a que evidenciamos, se constrói a partir de uma cadeia de enunciados que se imbricam na relação texto e discurso, as quais são percebidas no nível semântico do texto. Nesse sentido, sabemos que não esgotamos as possibilidades de análise, bem como ainda se poderia dizer muito sobre a representação discursiva, considerando os textos apreciados, todavia, acreditamos que as considerações tecidas ao longo de nosso artigo vêm a somar para a produção em Análise Textual dos Discursos, especificamente o estudo do nível semântico do texto.

Referências bibliográficas

ADAM, J.-M. **A linguística textual: uma introdução à análise textual dos discursos**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **A linguística textual: uma introdução à análise textual dos discursos**. São Paulo: Cortez, 2011.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

HEIDMANN, U. Comparatismo e análise de discurso: a comparação diferencial como método. In: ADAM, J.-M. et al. **Análises textuais e discursivas: metodologia e aplicações**. São Paulo: Cortez, 2010.

ILARI, R. **Introdução à semântica: brincando com a gramática**. São Paulo: Contexto, 2009.

MARCUSCHI, L. A. **Linguística de texto**: o que é e como se faz?. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009 [1983]. (Col. Luiz Antonio Marcuschi)

NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2011.

PASSEGGI, L. Les représentations discursives dans les memories de formation: propositions méthodologiques. In: PASSEGGI, M. C.; BARBOSA, T. M. N. **Mémoires et formation des professeurs**. Paris: Harmattan, (no prelo)

_____. et al. A análise textual dos discursos: para uma teoria da produção co(n)textual dos sentidos. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. **Linguística de texto e análise da conversação**: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010, p. 262- 312.

RODRIGUES, M. G. S.; PASSEGGI, L.; SILVA NETO, J. G. “Voltarei. O povo me absolverá...”: a construção de um discurso político de renúncia. In: ADAM, J.-M. et al. **Análises textuais e discursivas**: metodologia e aplicações. São Paulo: Cortez, 2010.